

O preço da intolerância

Embora a irracionalidade política das sete maiores nações do Ocidente tenha impedido um curso satisfatório à carta do presidente Sarney ao seu colega François Mitterrand, em que denuncia as discriminações do mundo rico contra as sociedades subdesenvolvidas, a iniciativa se prestou a um amplo esclarecimento da opinião pública internacional sobre a questão. Doravante, os estadistas dos países industrializados já não poderão esquivar-se aos gestos colaboracionistas, como a atual negativa de destinar um novo tratamento aos povos endividados, sem correrem os riscos de censuras severas e oposição consciente.

As causas primárias apontadas por Sarney para os gravíssimos desequilíbrios nas relações internacionais, entre as quais ressaltou "a dívida externa, o protecionismo comercial e o acesso à ciência e tecnologia", respondem pela instabilidade interna das nações sul-americanas, principalmente. Malgrado não houvesse descido a referências numéricas, a correspondência reflete situações particularíssimas, penosamente vividas no Continente, em razão daquelas anomalias arroladas pelo Presidente do Brasil.

De fato, obrigados a pagar juros e amortizar o principal da dívida em dimensões draconianas, pactuadas segundo interesses específicos dos emprestadores de capital, nações como o Brasil são condenadas ao empobrecimento. No exercício de 1988, os formidáveis saldos comerciais (mais de 17 bilhões de dólares) produzidos pelo esforço exportador foram integralmente transferidos aos credores. Nada restou para investimentos internos e só uma soma desprezível de cambiais pôde ser aplicada na aquisição de bens científicos e tecnologia. A participação brasileira no comércio mundial, que era de 1,2 por cento, caiu para 1, devido ao crescimento das operações em favor das nações ricas. Da mesma forma, caiu para 7,2 por cento a expansão econômica da América Latina entre 1986 e 1989, quando a projeção do Banco Mundial para o conjunto do Ocidente capitalista situou-se em torno de 14,4 por cento. Países como Japão e Itália superaram de longe o patamar do Bird.

Convém voltar aos termos da carta de Sarney para uma avaliação precisa dos efeitos causados pela prática desse sistema arbitrário e injusto:

"A dívida tem sido responsável pela falência do Estado em praticamente todos os países devedores, cujos governos, obrigados a transferir maciços recursos para o exterior, tornam-se incapazes de atender às necessidades crescentes de investimento, tanto nos setores produtivos quanto nas áreas sociais. O protecionismo comercial praticado pelas economias centrais, por sua vez, inibe o desenvolvimento de estruturas auto-sustentáveis de comércio, capazes de gerar crescimento nos países do Terceiro Mundo".

Ora, a violência tem muitas formas e origens diversas, entre as quais a econômica, por interferir na condição de sobrevivência dos povos, é a mais brutal. Tem razão, pois, o Presidente brasileiro em advertir as economias desenvolvidas sobre a existência de "um acúmulo de violência, uma carga de rebelião sublimada, que pode a qualquer momento e em qualquer país da região aflorar e se alastrar incontrolavelmente". A face cruel da realidade já pôde ser vista nos acontecimentos recentes da Venezuela e da Argentina, daí por que Sarney ponderou que, "na sua aparente segurança e na autocomplacência característica dos satisfeitos, o mundo ocidental poderá se surpreender com o volume da violência capaz de ser desatada na América Latina".

Insensíveis, antolhados pelas viseiras da incompetência política, seguros de que poderão sobreviver nas blandícias da riqueza em um planeta cada vez mais acossado pelas populações famintas, os sete grandes torceram o nariz ao panorama dramático exposto por Sarney. Nenhuma concessão será feita às nações endividadas. Assim, com a mesa das negociações interdita pela arrogância, parece não restar aos devedores senão os caminhos para as soluções unilaterais. Pelo menos, contudo, não haverá espaços na opinião internacional civilizada para contestações e semelhantes alternativas, embora inconvenientes a todos os interesses em jogo. Ai o mundo terá o preço da intolerância.